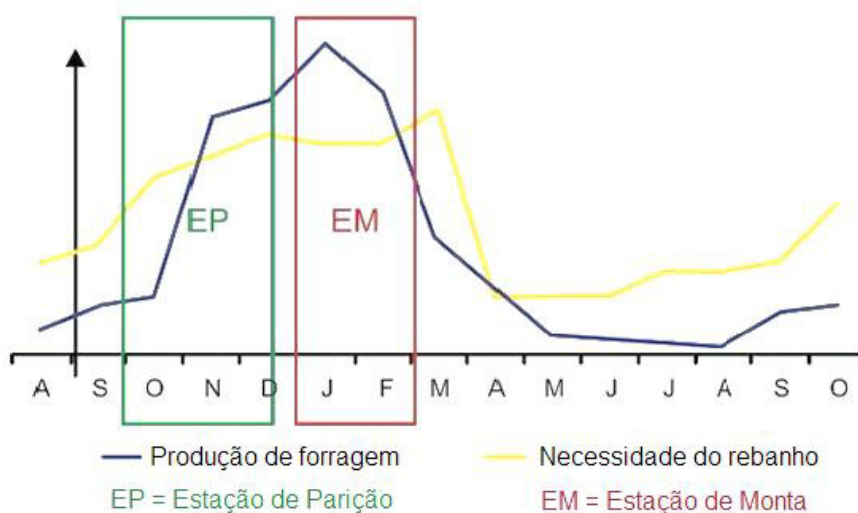


Confinamento x Suplementação a Pasto

A cadeia produtiva brasileira da carne bovina movimenta cerca de R\$ 167,5 bilhões, por ano, e gera aproximadamente 7 milhões de empregos. O setor produz 9,5 milhões de toneladas, sendo 7,6 milhões destinadas ao mercado interno e 1,8 milhão exportadas para mais de 140 países, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Nos próximos cinco anos, o Brasil pode se tornar o maior produtor de carne bovina do mundo, superando os Estados Unidos, que atualmente ocupam o primeiro lugar no ranking.

A sazonalidade da produção forrageira, exemplificada no Gráfico 1, faz com que os produtores criem estratégias de suplementação afim de compensar a baixa produção de forragem no período de seca. Entre as opções de suplementação que podem ser aderidas pelo produtor estão o **confinamento** e a **suplementação a pasto**.

Gráfico 1. Curva de produção de forragem no Brasil Central aliada a necessidade do rebanho.



Fonte: Adaptado de Reis, 2004.

No ano de 2015, cerca de 87% do rebanho bovino do Brasil foi submetido ao regime de engorda a pasto, enquanto os outros 13% foi terminado em regime de confinamento.

Em sistemas de **confinamento**, toda a alimentação e água dos animais é fornecida em cochos e bebedouros, isso gera alto custo de implantação e manutenção do sistema. Por outro lado, o confinamento proporciona ganhos de peso vivo entre 1,0 a 1,8 kg/animal/dia, que possibilita um retorno financeiro mais rápido devido a maior eficiência na engorda.

Para entrar no confinamento é preciso estar atento ao mercado financeiro. Para o primeiro semestre de 2017, de acordo com a SCOT Consultoria, apesar da queda nos custos da dieta, com destaque para o milho, os patamares de preços do boi gordo fizeram com que a operação de confinamento bovino entregasse prejuízo aos produtores.



Figura 1. Confinamento bovino

Em regime de pastejo, dificilmente a forragem conseguirá suprir a totalidade dos nutrientes necessários para manter a máxima produção ao longo do ano, isso porque a produção da pastagem diminui no período da seca. Segundo Paulino e Ruas (1988), o aumento da eficiência na produção de bovinos no Brasil está incondicionalmente relacionado à melhoria das condições de alimentação, sendo a suplementação uma das alternativas mais práticas para adequar o suprimento de nutrientes aos requerimentos dos animais, especialmente durante a seca. Em resumo, a estratégia de suplementação adequada seria aquela destinada a maximizar o consumo e a digestibilidade da forragem disponível. É dentro deste contexto que o suplementação a pasto (semiconfinamento) está inserido como possível opção para tornar mais eficiente o período final da engorda.

No sistema de **suplementação a pasto**, a base da alimentação para engorda dos bovinos é o pasto, porém os animais também recebem elevada quantidade de ração concentrada para potencializar o ganho de peso e o acabamento de gordura de forma mais rápida. Os principais ingredientes utilizados na suplementação de bovinos são milho, farelo de soja, sal mineral e um componente nitrogenado (uréia). O composto nitrogenado tem o papel de aumentar a eficiência da digestão microbológica do rúmen, melhorando o desempenho animal. A suplementação a pasto possui um menor custo de implantação e manutenção quando comparado ao regime de confinamento, porém o retorno financeiro é mais demorado. Espera-se obter com o sistema ganhos de peso entre 0,5 a 0,9 kg/animal/dia.

Além melhorar o ganho de peso, o sistema proporciona ao animal um ambiente mais natural e também uma maior proximidade com o ser humano, sendo assim, os animais se tornam mais dóceis, quando comparados aos sistemas extensivos. Essa maior docilidade dos animais influencia diretamente no índice de contusão de carcaça e, conseqüentemente, no aproveitamento de carcaça.

De acordo com o IBGE, o Brasil abateu cerca de 30 milhões de bovinos em 2016. Cerca de 50% desses animais apresenta contusão de carcaça. Essas contusões podem representar perdas da ordem de 0,5 a 1kg de perda por animal abatido.

Foto: Marcio Vieira



Figura 2. Sistema de Suplementação a Pasto.



Em áreas onde o sistema de suplementação a pasto com altas lotações, observa-se que nos anos subsequentes, os pastos apresentam maior produção de matéria seca. Esse fato pode ser justificado pelo retorno dos nutrientes ao solo por meio das fezes e urina dos animais. Sendo assim, pode-se concluir que, dependendo da forma de manejo que o sistema for conduzido, é possível diminuir os custos com adubação de manutenção do pasto.

Os dois sistemas de produção possuem suas particularidades, porém não podemos classificar nenhum dos dois como ideal. A verdade é que cada sistema deve ser aplicado de acordo com as necessidades e condições vigentes da propriedade. O produtor deve, antes de implantar qualquer sistema, avaliar a viabilidade da implantação de cada, analisando principalmente os valores de dieta e o retorno financeiro que cada sistema irá proporcionar.



Referências

EUCLIDES, V.P.B.; EUCLIDES FILHO, K.; ARRUDA, Z.J. et al. Desempenho de novilhos em pastagens de *Brachiaria decumbens* submetidos a diferentes regimes alimentares. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v.27, p.246-254,1998.

PAULINO, M.F.; RUAS, J.R.M. Considerações sobre a recria de bovinos de corte. *Informe Agropecuário*, v.13, n.153/154, p,68-80, 1988.

SCOT Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Disponível em: <http://www.sementesoesp.com.br/conteudo/14/1/arquivos.html> acesso em 09/11/2017